

CTA trabalha com tese do cerol

56

Pesquisadores de São José dos Campos admitem que linha de pipa pode ter cortado cabos de rappel

CARLOS TAVARES

Pesquisadores do Centro Tecnológico Aeroespacial (CTA), de São José dos Campos (SP), estão trabalhando com a hipótese da linha de pipa com cerol ter mesmo cortado as cordas dos três policiais militares que morreram durante treinamento de rappel, sexta-feira, na Candangolândia. Embora não tenham feito ainda a análise no material para saber se há resíduos de pó de vidro, limalha de ferro ou de cola de sapateiro (mistura que forma a massa de cera usada nas linhas de pipa para os combates no ar), o que comprovaria a tese, a equipe que analisa as cordas aposta nesta possibilidade.

O engenheiro José Augusto Bressiani de Meireles, que integra o grupo de pesquisadores do CTA que analisa o material, descarta a idéia de deteriorização dos cabos e também a possibilidade de turbulência na hora do treinamento ter provocado um vácuo e com isso um tranco muito forte, a ponto de romper as três cordas em que os PMs pendurados.

Oficiais da Aeronáutica que acompanham o caso em São José dos Campos informaram que as condições de voo estavam normais naquele dia e que não há turbulência ou vácuo a 30 metros do solo. A carta de voo do helicóptero da Polícia Federal que transportava os policiais também foi analisada no CTA e

mostra a mesma situação.

Meireles explicou que uma linha de pipa untada com cerol se transforma numa navalha e que basta cortar uma fibra apenas da corda de rappel para que ela se arrebe. O restante dos fios de náilon que compõem o cabo se partem simultaneamente e esta é a hipótese mais provável até agora para explicar o acidente que matou o sargento Laércio Pereira de Almeida e os cabos Marcelo Roberto Assis Rocha e Ricardo Everton Kugler.

O pesquisador explicou que uma corda tensionada em sentido vertical por um peso de 100 quilos, que era quanto aproximadamente pesava cada um dos militares, pode muito bem se romper com a presença de um barbante protegido por uma capa de cerol. "É o processo da abrasão, que é um atrito cortante". Acrescentou ainda que os corpos pendurados durante o rappel estariam pesando cerca de 140 quilos, devido a pressão provocada pelas pás do helicóptero.

O capitão César Leal, oficial de segurança de voo do Serviço Regional de Aviação Civil (Serac 6), responsável pelo inquérito aberto na Aeronáutica, pediu ao CTA para avaliar quatro hipóteses: rompimento dos cabos provocado por cerol, resistência do material, corte com lâmina e deteriorização das cordas. "Não podemos afastar nenhuma das hipóteses até a conclusão do laudo pericial do CTA", ponderou Leal.

Delegado crê em manobra brusca

O delegado Erivelto Rodrigues, da 11ª DP (Núcleo Bandeirante) encarregado do inquérito da Polícia Civil que investiga as causas do acidente, acha a tese do cerol a mais improvável. Ele informou que peritos do Instituto de Criminalística acreditam que o piloto do helicóptero, o agente Paulo Roberto da Silva Pureza, da Polícia Federal, pode ter feito uma manobra brusca e isto teria originado duas situações distintas: os militares foram arremessados para a traseira da aeronave e as hélices do rotor partiram as cordas ou elas foram rompidas por um tranco, também ocasionado pela arrancada repentina.

"Neste caso, o tranco exigiu uma tensão maior das cordas e elas se romperam", comentou Rodrigues. Ele disse que somente os laudos do Instituto Médico Legal (IML) e do Instituto de

Criminalística (IC) poderão apontar as verdadeiras causas da tragédia. "O laudo do IML vai mostrar se houve ou não lesões nos corpos dos militares ainda no ar. Ou se as lesões foram provocadas apenas pelo choque na terra", explicou o delegado.

Se os peritos atestarem que as lesões também foram provocadas durante a queda, a hipótese do tranco ganha força. Do contrário, confirma-se a tese do rompimento das cordas pelo rotor da aeronave. O delegado disse que as investigações do IC mostram que os cabos arrebitaram-se um a 65 centímetros do cinto de um dos PMs, outro a 1,80 metro e o terceiro a 2,20 metros. Estes cálculos desmontam a versão inicial, divulgada pela Polícia Militar, de que as três cordas teriam sido cortadas a 50 centímetros da cintura dos militares.(CT)

Fotos: Luiz Marcos



Major Luís Henrique, comandante da operação, diz que não há registro no mundo de acidente semelhante